

A Teoria Autoritária antes da Práxis: a construção ideológica do Estado Integral em Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso (1932-1937)

Rodrigo Santos de Oliveira*

A definição mais simples do fascismo foi apresentada por Benito Mussolini em uma frase: “Nada contra o Estado, nada fora do Estado, nada acima do Estado”. Ou seja, o Estado fascista era um Estado forte, centralizado e interventor. Como apontou Gilberto Vasconcelos, a diferença entre o fascismo europeu (fascismo italiano e nazismo alemão) do brasileiro (integralismo) é que no primeiro a práxis antecedeu a teoria, e o segundo teorizou-se para que depois se tentasse a tomada do poder. Nos cinco anos de existência legal da Ação Integralista Brasileira, (AIB) percebe-se uma grande produção intelectual por parte dos três principais teóricos do movimento: Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso. Estas lideranças definiam em suas obras não apenas como seria organizado o Estado sob a égide integralista (Estado Integral), como também a concepção autoritária do Estado dentro de uma lógica corporativa, com partido único, centralizado na figura do “Chefe Nacional” Plínio Salgado, de viés antiliberal e anticomunista. No presente texto objetivamos analisar como foi gestada a concepção de Estado Integral por parte das três principais lideranças da AIB (Salgado, Reale e Barroso) a partir da produção teórica e a sua difusão através da estrutura de imprensa periódica montada pelo movimento.

Uma ideologia em definição

Desde o princípio do movimento houve uma necessidade de definição daquilo que era o integralismo. Se, num primeiro momento, a coluna “Nota Política” serviu como base para a criação da ideologia, com o surgimento da AIB, seu *Manifesto* era insuficiente para explicar quais eram os reais objetivos e qual seria a função deste novo grupo político. Eles afirmavam ser diferentes dos partidos políticos tradicionais e apregoavam ser contrários ao poder apenas “pelo poder”, mas que visavam a uma nova sociedade, diferente de tudo o que já havia existido no país até então, ou seja, apresentavam-se como revolucionários.¹

* Professor adjunto dos cursos de Licenciatura e Bacharelado da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

¹ O conceito de revolução que utilizavam estava vinculado a uma concepção de transformação social, política e econômica, através de uma nova concepção de Estado. Tinham presentes a noção de “marcha” em direção a esta nova sociedade, baseada nos princípios do movimento. Este pensamento “revolucionário” foi a base da própria

Para suprir tal lacuna, Plínio Salgado serviu-se de dois instrumentos voltados à teoria e à doutrina. O primeiro seria a produção de obras em forma de livros, contudo, por sua complexidade, custo e dificuldade de circulação ficavam restritos, em grande parte, aos indivíduos mais letrados e com melhores recursos financeiros – não devemos nos esquecer que apenas uma pequena parcela da população brasileira era alfabetizada e uma mais restrita ainda possuía a capacidade para compreender uma obra teórica. O segundo seria voltado ao grande público e ao mesmo tempo que atingisse os “corações” e as “mentes” das pessoas, ou seja, a imprensa periódica. A imprensa chegava aos mais variados cantos, com uma grande receptividade e a um custo reduzido, além, é claro de ter um conteúdo de fácil compreensão.

Dessa forma, Salgado atendia às duas demandas internas do movimento, uma voltada à classe dirigente e letrada, e a outra às bases. De um lado, esta elite era suprida e também desenvolvia uma produção teórica considerável.² Este mesmo grupo de intelectuais era responsável pelos periódicos, ou seja, eram eles que definiam o que deveria ser transmitido ao militante de base.

Aqui recorreremos a Héglio Trindade para demonstrar a grande participação dos intelectuais na direção da AIB, como podemos observar no quadro abaixo:

Origem social do conjunto dos dirigentes nacionais e regionais (em números absolutos)
[Dir./Nac.: Chefe Nacional, departamentos ou secretarias nacionais, órgãos executivos e Câmara dos Quarenta. Dir./Reg.: Chefes arquiprovinciais e provinciais e Câmara dos Quatrocentos]
(TRINDADE, 1974:142)

	Direção Nacional	Direção Regional	Total
1. Burguesia	7	63	70
2. Média burguesia intelectual	45	259	304
3. Média burguesia militar	11	35	46
4. Média burguesia de pequenos proprietários	0	23	23
5. Pequena burguesia dos empregados e funcionários	0	44	44
6. Camadas populares	0	14	14

“Nota Política” em seus ataques aos partidos políticos, às velhas oligarquias e ao próprio Governo Provisório de Getúlio Vargas. Contudo, a concepção revolucionária integralista vai perdendo força de acordo com o seu crescimento, até o abandono completo, sendo substituída pela via do sufrágio, a partir do registro da AIB como agremiação política e com a sua participação nos pleitos de 1935, 1936 e a candidatura de Plínio Salgado às eleições presidenciais no ano de 1937, que não ocorreram devido ao golpe de estado que reafirmou o poder de Vargas.

² Em nosso levantamento de obras em arquivos do Rio Grande do Sul, tivemos acesso a vinte e cinco autores além de Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso. Em pesquisa via *internet* em bibliotecas espalhadas pelo país (principalmente universitárias) encontramos outros dezesseis autores integralistas. O que leva a um número de pelo menos quarenta e quatro intelectuais que tiveram algum tipo de produção teórica no período de existência legal da AIB.

7. Sem especificação	1	23	24
Total	64	461	525

Como podemos perceber, o peso dos intelectuais no movimento era considerável (TRINDADE, 1974:140). Também, se levarmos em consideração que tanto a burguesia quanto a média burguesia militar são setores com elevada instrução educacional, veremos que os indivíduos destes grupos sociais necessitavam de um discurso com consistência para serem cooptados. Ao mesmo tempo, abria-se espaço para a produção intelectual dos seus membros, mesmo que não houvesse uma liberdade total, pois existiam pontos básicos que deveriam ser respeitados, cada autor podia colocar o seu ponto de vista, se isto não discordasse das linhas gerais da doutrina.

A leitura das obras demonstra que havia diferenças que iam desde concepções sociais, raciais e filosóficas, além de preocupações pontuais da ideologia e da doutrina. Mas isto veremos mais adiante.

Rosa Cavaleri foi a primeira a discutir a relação entre livros e periódicos, mesmo que de forma pontual e em estudo vinculado à Educação. Para ela, havia uma relação direta entre a teoria e a doutrina, através do livro e do jornal – embora tenha negligenciado completamente as revistas integralistas, sendo que duas delas tiveram grande destaque dentro da imprensa integralista. Nas palavras da autora: “O livro veiculava as idéias produzidas pelos teóricos do partido e o jornal as popularizava. A doutrina mantinha-se viva para o integralista graças à materialização através do jornal”. (CAVALARI, 1999:79)

Em nossa opinião, essa relação não é direta, pois a produção teórica não é simplesmente transposta para o militante através dos periódicos. Pelo contrário, a teoria sofre uma grande transformação entre as páginas impressas dos livros para os jornais e revistas. Como isto se estabelece?

Em realidade, o jornal tinha o papel de garantir a imagem de uma unidade ideológica, que na prática não existisse. Por que fazemos esta afirmação? Como já falamos anteriormente, os teóricos tinham certa liberdade de ação e isto acarretava divergências. Dentro de uma concepção política democrática, a diferença de pensamento é a base em que se alicerça a sociedade, mas num movimento político de inspiração fascista, que tem os princípios de ordem, disciplina, hierarquia e uma imagem de unidade como pontos fundamentais; qualquer discordância de cunho ideológico ou doutrinário pode colocar em risco a própria existência do grupo.

E aí está uma das principais faces da imprensa do movimento integralista: a de contensão de dissensões internas.

Podemos observar que, simplesmente, as divergências ideológicas e de pensamento eram suprimidas. Desta forma, ao militante chegava a imagem de “organismo perfeito”. Para ocupar o lugar das diferenças, estabeleceram um elemento em comum, que os autores centralizavam a sua atenção.

A imprensa integralista tinha como papel não apenas a doutrinação, mas também a difusão e a atração de novos adeptos. Como atesta Héglio Trindade, a oposição ao comunismo era a principal causa de adesão dos militantes na AIB, segundo sua pesquisa, atraía dois terços dos militantes (TRINDADE, 1974:160). Não é ao acaso que o anticomunismo tornou-se o elemento mais repetido nos jornais, perdendo apenas para o próprio integralismo. Contudo, quando observamos a produção dos teóricos, percebemos que nenhum deles se dedica exclusivamente ao comunismo em suas obras. Mais significativo ainda é quando observamos os autores modificarem sua própria visão teórica, entre os livros e seus textos publicados nos jornais. Como podemos observar nas tabelas abaixo (OLIVEIRA, 2011:99-100):

Textos de Plínio Salgado

nº de matérias: 47

Matérias (1)	%	Referências (2)	Soma 1+2	%
Anticomunistas 23	71,86	Anticomunistas 16	42	50,60
Antiliberais 8	25	Antiliberais 14	39	46,98
Anti-semitas		Anti-semitas		
Antipluripartidárias		Antipluripartidárias 1	1	1,2
Anticapitalistas 1	3,24	Anticapitalistas 1	1	1,2
Total de matérias = 32	(100%)	Soma total = 83		(100%)

Textos de Miguel Reale

nº de matérias: 19

Matérias (1)	%	Referências (2)	Soma 1+2	%
Anticomunistas 10	55,55	Anticomunistas 5	15	51,72
Antiliberais 7	38,88	Antiliberais 5	12	41,37
Anti-semitas		Anti-semitas		
Antipluripartidárias 1	5,55	Antipluripartidárias	1	3,44
Anticapitalistas		Anticapitalistas 1	1	3,44
Total de matérias = 18	(100%)	Soma total = 29		(100%)

Textos de Gustavo Barroso

nº de matérias: 17

Matérias (1)	%	Referências (2)	Soma 1+2	%
Anticomunistas 15	51,72	Anticomunistas 3	18	43,9
Antiliberais 5	17,24	Antiliberais 5	10	24,39
Anti-semitas 9	31,03	Anti-semitas 3	12	29,26
Antipluripartidárias		Antipluripartidárias		
Anticapitalistas		Anticapitalistas 1	1	2,43
Total de matérias = 29	(100%)	Soma total = 41		(100%)

Os dados destas tabelas são significativos, pois cada um dos autores tinha posicionamentos diferenciados e também nenhum deles tinha o comunismo como preocupação central. Dentre eles, Plínio Salgado é o que maior atenção dá ao comunismo, contudo é vinculado à oposição ao liberalismo, ou seja, dentro da sua obra comunismo e liberalismo são inimigos extremamente perigosos, mas em esferas diferenciadas. Enquanto o comunismo seria a ameaça externa que tentaria se apoderar do país e destruir os valores sociais, culturais e religiosos do povo brasileiro, o liberalismo encarnaria todos os males, que colocava em risco a sociedade brasileira. Ambos eram perigosos e teriam de ser derrotados pela concepção integralista. Mas, ao olharmos a produção do autor nos periódicos, há uma preponderância de mais de setenta por cento de matérias anticomunistas sobre apenas vinte e cinco das antiliberais. Podemos notar aqui, objetivamente, esta diferenciação entre o teórico e o doutrinário.

Miguel Reale é o autor que menos se preocupa com o comunismo na parte teórica. Em suas discussões sobre a concepção de Estado, o liberalismo era o que tinha maior destaque, ainda, dentro da sua visão o “Estado Integral” deveria superar o liberal, que o autor acreditava ser a base do Governo Provisório de Vargas. Por isto, não tinha grande preocupação com a “ameaça vermelha”, porque no momento em que o integralismo tomasse o poder, dentro de sua lógica, automaticamente o comunismo seria derrotado, pois o “Estado Integral”, pela força que teria, impediria a ação comunista. Entretanto, nos jornais o autor coloca o comunismo como a principal ameaça, com mais de cinquenta e cinco por cento, sobre menos de quarenta do liberalismo.

Por fim, Gustavo Barroso, cuja obra é marcadamente anti-semita, nos jornais abdica de seu arquienimigo para dar atenção especial ao comunismo. Para o autor, todos os males da sociedade ocidental seriam vinculados à ação do judaísmo internacional, que seria responsável, através da especulação internacional de capitais, por todas as diferenças sociais, financeiras e políticas e também responsáveis pelo comunismo internacional. Todavia, nos jornais o comunismo representa mais de cinquenta por cento de toda a sua produção, enquanto

o judaísmo pouco mais de trinta por cento. No quadro abaixo podemos perceber as divergências presentes entre os três principais líderes do movimento.

Quadro comparativo da produção teórica de intelectuais integralistas

Assunto	Plínio Salgado	Gustavo Barroso	Miguel Reale
Comunismo	Tema central: principal inimigo e grande força antagônica do integralismo	Tema secundário: comunismo apresentado como ardil judaico para dominação mundial	Tema secundário: comunismo seria facilmente derrotado quando o liberalismo fosse destruído
Liberalismo	Tema central: liberalismo abria espaço para o comunismo (por esta razão tinha grande importância)	Tema secundário: liberalismo apresentado como ardil judaico para dominação mundial	Tema central: principal inimigo e obstáculo para formação do “Estado Integral”
Capitalismo	Importância moderada: mas podia ser domesticado se afastado dos “defeitos” do liberalismo	Tema secundário: capitalismo apresentado como ardil judaico para dominação mundial	Tema central: pois era a base do sistema liberal, mas podia ser domesticado se afastado dos “defeitos” do liberalismo
Judaísmo	Pouca importância: algumas referências esparsas e analogias	Tema central: judaísmo seria a principal ameaça da civilização ocidental e estaria arquitetando um plano de dominação mundial	Pouca importância: algumas referências esparsas e analogias.
Fascismo	Aliado espiritualista frente ao comunismo e ao liberalismo. Mas integralismo era apresentado como independente do fascismo	Integralismo e fascismo são a mesma coisa	Integralismo seria a versão brasileira do fascismo
Religião (Cristianismo)	Tema central: parte considerável de sua obra é centrada no	Grande importância: uma das “frentes de defesa” contra o	Pouca importância: raramente citado em suas obras

	caráter religioso	judaísmo	
Família	Tema central: família seria a <i>célula mater</i> da sociedade e, por isto, deveria ser protegida, assim como a pátria, dos perigos do materialismo	Importância moderada: citado principalmente quando queria mostrar o que os judeus fariam quando dominassem o mundo	Pouca importância: raramente citado em suas obras
Tipo de produção	Divulgação e Doutrinação	Divulgação e Doutrinação	Teoria e Doutrinação

A leitura dos textos de Salgado, Reale e Barroso nos mostra que eles não abandonam completamente seu pensamento (entre suas obras e suas publicações nos jornais). Mas no momento em que selecionam um elemento central comum entre eles, suas diferenças teóricas perdem importância aos olhos dos militantes. Até porque seus pontos de vista ficam imersos em um grande conjunto de matérias, cujo tema central é voltado ao combate ao comunismo e também ao crescimento do integralismo (temas que se complementam, como veremos no próximo capítulo).

Assim o jornal servia como um elemento de padronização de pensamento integralista mesmo que os teóricos tivessem pontos de vista diferenciados. Ao leitor era selecionado, dentro do conjunto teórico, aquilo o que ele deveria ler. Por isto, afirmamos que não havia uma relação direta entre a teoria (livros) e a doutrinação (jornais e revistas). Isto não significa que não havia um elo entre estes dois elementos na transmissão da ideologia integralista.

Abaixo discutiremos a produção teórica presente nos livros.

A produção teórica

Iniciamos esta parte fazendo algumas considerações sobre os livros integralistas, nas quais utilizamos o termo “produção teórica”. Grosso modo, para estabelecer uma diferenciação entre livros e periódicos, colocamos os primeiros como produção teórica e para os demais como doutrinação. Todavia, devemos fazer algumas ressalvas, pois esta separação deu-se devido a algumas características peculiares de cada fonte e também para facilitar a visualização. No tocante aos livros, há uma diferenciação entre livros de divulgação (voltados a explicar o que é o integralismo) e como deviam se portar os militantes do sigma e os de discussão do integralismo enquanto ideologia e estrutura de Estado. Já os jornais seguem quase que exclusivamente o padrão de doutrinação e difusão do integralismo, com duas

exceções: a revista *Panorama*, voltada para a discussão teórica e o jornal *Monitor Integralista*, uma espécie de “diário oficial” integralista.

Entre 1933 e 1934, é um período marcado por uma definição daquilo o que é integralismo, ao mesmo tempo em que fica restrita apenas aos três principais líderes: Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. A partir do ano de 1935, porém, ocorre um aumento significativo, não apenas na produção destes três, como surgem novos autores, além de obras que passam a se preocupar em verificar o integralismo, não somente enquanto movimento político, mas também como ideologia e estrutura de Estado.

Plínio Salgado e Gustavo Barroso: divulgadores de uma nova doutrina

A primeira obra explicando o que era a AIB foi *O que é integralismo*, de Plínio Salgado, no início de 1933, poucos meses depois do *Manifesto de Outubro*. Agora nos deteremos com bastante atenção neste livro, pois ele apresenta um elemento que é a base fundamental de toda a produção integralista: a constituição de uma *identidade política*³ para o

³ A discussão em torno do termo “identidade política” é bastante vasta e perpassa vários campos do conhecimento, como a Antropologia, a Sociologia, a Ciência Política, a História, a Psicologia, entre outros. Não é nosso objetivo fazer uma ampla discussão sobre este tema, e sim traçar um conceito funcional que nos auxilie em nossa análise.

A noção mais simples do termo afirma que identidade é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa, tais como: nome, idade, estado, profissão, sexo, características físicas, impressões digitais, etc., ou seja, o conjunto de particularidades de um indivíduo. Quando expandimos esta noção para uma sociedade buscamos compreender quais são as características em comum que esta população possui. Aí entra a diferenciação entre uma identidade social (do coletivo) e uma identidade política. Como aponta Marco Prado: “Aqui está a diferença basal entre identidade social e identidade política. A primeira se estabelece como um conjunto de atribuições e referências da pertença grupal e social dos indivíduos e a segunda, por sua vez, como um conjunto temporário de significados que delimitam fronteiras na questão dos direitos sociais e, exatamente por isso, ela é experienciada como um NÓS que está sendo impedida por um ELES de realização de suas demandas sociais, portanto como uma relação antagônica. Ela se estrutura na passagem da consciência das relações de subordinação para o reconhecimento do caráter opressivo destas, não por outro motivo, a identidade política está centrada em relações entre um NÓS e um ELES, que se constituem como fruto da instalação de um antagonismo.” (PRADO, Marco Aurélio Máximo. Da mobilidade social à constituição da identidade política: reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. In: *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 60).

No caso dos integralistas havia, uma tripla necessidade em definir sua identidade política. A primeira seria a sua própria existência enquanto grupo político. A segunda o estabelecimento de seu espaço de atuação. Por fim, constituir um elo entre a identidade movimento com a pessoal (de cada indivíduo) e coletiva da população brasileira. Disto parte a necessidade, dentro de uma definição identitária, de saber quem *somos*, em outras palavras, precisa-se estabelecer um *nós* em que todos os membros (camisas-verdes) se identifiquem e que da mesma forma atraia a população brasileira. Contudo, isto só ocorre a partir do momento em que se define o *eles*. No caso, o *eles* seria tudo aquilo considerado averso aos valores sociais do conjunto social (no caso leia-se integralismo). Apresentam-se como aqueles que representam o conjunto do povo brasileiro (seja ideologias, grupos políticos, setores sociais, e tudo aquilo que colocasse em “risco” o *nós* construído pelo integralismo). Assim, os integralistas vinculam sua imagem a um *nós* coletivo para que todos os brasileiros se identificassem e

movimento. Na apresentação do livro o autor mostra ao leitor uma “nova proposta” diante das dificuldades sociais que assolavam o Brasil. Nas suas palavras:

Brasileiro modesto, que trabalhas e sofres, este livro te pertence. Bem sei da tua apreensão, de tua inquietude, quando no silêncio da noite, vendo tuas filhas e teus filhos dormirem, tremes pelo destino que os espera. Pensas, naturalmente, que a sociedade pode desabar no sorvedomo extremista, pois os tempos andam carregados de ameaças. O fruto do teu trabalho como a lembrança da tua honra de nada poderão valer tua prole, que estimas tanto. (SALGADO, 1933:9)

Como pode ser observado, a apresentação do seu livro é bastante abrangente, com o objetivo de abarcar uma grande parcela da sociedade. Além disto, suas palavras destinadas aos “chefes de família”, objetivavam mostrar um caminho seguro em uma época de incertezas. Não esqueçamos que o Brasil havia passado por uma grande crise econômica em 1929 e ainda se recuperava dos seus efeitos, e por dois momentos políticos conturbados (Revolução de 1930 e Revolução Constitucionalista). Isto gerava uma certa instabilidade social, dos quais o discurso de Salgado tentava aproveitar-se. Diante deste quadro, dois grandes perigos se colocavam diante do povo brasileiro.

Se a vida se torna mais difícil, - pobres crianças! - que será delas? Se vamos para o comunismo e a anarquia - infeliz geração! - terá de submeter-se a uma ordem moral que não é a tua... Se continuamos a ser uma Pátria dividida em Estados que lutam pelo Poder Federal, novas guerras civis chacinarão teus meninos quando forem moços! Sei quanto te atormentas, patrício, nas horas em que as dificuldades da vida te dizem que alguma coisa está errada, no governo. (SALGADO, 1933:9-10)

Após apresentar estes dois caminhos procura, esclarecer ao leitor a necessidade de uma mudança, pois se permanecesse impassível, abria espaço para o comunismo, que “subverteria a ordem”; ou para o liberalismo, que através da descentralização e do “jogo” das oligarquias, levaria ao caos e ao conflito. Por esta razão, haveria a necessidade de algo que garantisse a manutenção dos valores sociais diante destes problemas. Para isto, um “novo pensamento”, diverso das “forças perniciosas” seria a solução.

O autor estabelece um elo entre os problemas nacionais e os militantes. A possibilidade de defesa frente à ameaça dos supostos inimigos da Nação só poderia ser feita

que garantisse a sua legitimação política e social. Acima de tudo esta identidade é construída através do estabelecimento pedagógico das virtudes do *nós* frente aos defeitos encontrados no *eles*.

Assim, podemos perceber que sempre há contraposição com os seus inimigos nas publicações (sejam livros, periódicos) e em todas as formas em que os integralistas estabelecem um diálogo com a sociedade. E desta forma, através dos defeitos de seus inimigos, definem-se enquanto grupo político, o único capaz de defender o *nós* coletivo (definido pelo próprio integralismo) do *outro*, seus inimigos.

pelos cidadãos que aderissem ao integralismo e fizessem destes adversários os seus próprios. Ao leitor e “aspirante” integralista também ficava o encargo de difundir a idéia, atraindo para a AIB novos militantes. O livro é destinado às camadas populares, de forma simples: “A presente exposição da doutrina integralista eu a faço para as massas populares, procurando ser o mais simples possível, evitando terminologias difíceis e me desembaraçando das malhas do eruditismo” (SALGADO, 1933:16). Pois, “este livro pertence ao operário das cidades e dos trabalhadores do campo, ao soldado e ao marinheiro, ao estudante que ainda não atingiu os cursos superiores, aos pequenos proprietários, aos pequenos comerciantes, aos animadores das modestas iniciativas agrárias ou industriais” (SALGADO, 1933:16).

Desde o primeiro capítulo esclarece ao leitor que a base do integralismo é a concepção de vida espiritualista (discussão presente no segundo capítulo) em oposição ao materialismo. “Durante toda a marcha da Humanidade, dois conceitos de vida e de finalidade se revezaram, ou se antepuseram, ou se conciliaram, de um ponto de vista formal, para de novo se separarem nesta luta do Espírito, que acompanhou paralelamente o combate econômico.” (SALGADO, 1933:19)

Em oposição a essas forças, o integralismo seria a “luz”. Garantiria a sobrevivência dos valores cristãos da sociedade ocidental e impediria a sua destruição. Segundo o autor, “a concepção integralista do mundo, como a própria palavra está indicando, considera o universo, o homem, a sociedade e as nações, de um ponto de vista totalitário, isto é, somando todas as suas expressões, todas as suas tendências”. Assim, “fundindo o sentido materialista do *fato* ao sentido interior da *idéia*, subordinando ambos ao ritmo supremo espiritualista e apreendendo fenômeno espiritualista e apreendendo o fenômeno social segundo as leis de seus movimentos” (SALGADO, 1933:19).

A partir disto, Plínio Salgado delineia um conceito importante aos integralistas:

O sinal que adotamos nos uniformes dos “camisas-verdes” e na bandeira do integralismo (sigma) indica em matemática o símbolo do cálculo integral. Quer dizer que a nossa preocupação é somar tudo, considerar tudo, nem nos perdendo na esfera exclusiva da metafísica, nem nos deixando arrastar pela unilateralidade do materialismo. (SALGADO, 1933:28)

Esta definição é importante e demonstra uma diferenciação fundamental em relação ao materialismo, pois enquanto o integralismo agregaria valores e construiria uma nova

sociedade, seus inimigos principais, isto é, comunismo e liberalismo, apenas desagregariam e destruiriam as sociedades.

Haveria, em suma, estas três concepções. A marxista estaria baseada em fórmulas, segundo ele, ilusórias: o “determinismo materialista”, a “proletarização das massas”, a “socialização dos meios de produção”, a “ditadura do proletariado”, os “direitos da coletividade”. Já dentro da liberal existiria a “causa pública”, a “voz das urnas”, a “moralidade administrativa”, o “civismo”, as “massas eleitorais”, a “luta dos partidos”, e a “igualdade, liberdade, fraternidade”. Para o autor, seriam apenas formas ilusórias de dominação e controle. Logicamente, a única alternativa seria a terceira concepção, a integralista.

Não entrando nos méritos da possibilidade ou não de aplicação deste projeto integralista, observamos que, enquanto discurso, tinha uma base palpável diante da realidade da época. Até porque este Estado liberal que Salgado aponta era uma crítica direta ao Governo Provisório (do ponto de vista nacional), que segundo sua visão estava organizado enquanto Estado liberal, pois de um lado tinha derrotado o liberalismo oligárquico em 1930, mas lançava as bases do liberalismo financeiro e industrial, de outro. Em resumo, para Plínio Salgado, o integralismo tinha como objetivo a suplantação de um modelo político em que o Brasil estava imerso, e para superar o projeto anterior, só poderia ser feito se fossem abandonados os seus defeitos ou as causas da sua decadência.

A segunda obra que define o integralismo é *O integralismo em marcha*, do escritor e membro da Academia Brasileira de Letras Gustavo Barroso. Publicado ainda em 1933 e seguindo um padrão muito semelhante ao de *O que é integralismo*, apresenta uma constante contraposição entre integralismo e liberalismo e comunismo.⁴

A aversão a estes se faz presente logo na apresentação da obra:

Moços do meu Brasil: O crepúsculo que Barbusse previu logo depois da grande guerra alastra pelo mundo as suas sombras tristes. O liberalismo impotente e hipócrita agoniza. O credo comunista cria duas humanidades, declarando que nem

⁴ Esta contraposição segue um padrão bastante didático como podemos notar no trecho a seguir: “O Estado liberal, embora faça concessões de toda a natureza premindo pelos imperativos das circunstâncias, defende unicamente o capital. O Estado soviético, nas mesmas condições, unicamente defende o trabalho. O Estado Integral defenderá a harmonia e a cooperação do capital e do trabalho dentro de uma ordem espiritual. A grandeza e a realidade de seu poder atingirá uma profundidade que os outros jamais alcançarão. Porque ele, como seu próprio nome indica, é a integral de uma nova organização, o resultado de todos os valores, a soma de todas as atividades e, conseqüentemente, ao invés do *piorador*, o *melhorador* em que todos confiam e que todos devem estimar.” (BARROSO, 1933: 83).

a morte apaga o antagonismo entre o operário e o burguês. Mais horrendo que o fantasma das discordâncias civis, se ergue o espectro da guerra de classes. Ao embate das contradições, o nosso país corre para o naufrágio. Só a mocidade, que é o futuro, lhe resta a tábua e salvação, somente ela é capaz de renová-lo, como ao som da Giovanezza, reformou a Itália, concertou Portugal e redimiou a Alemanha. (BARROSO, 1933:9)

Podemos perceber a mesma visão antimaterialista de Salgado: a fragilidade e impotência do liberalismo e a ameaça comunista. Ainda a oposição entre essas duas forças, através do antagonismo de classe levando a nação à ruína. Ou seja, o mesmo tipo de discurso.

A diferença fundamental entre as obras é o acréscimo, como podemos notar na última frase da citação acima, da influência do fascismo no integralismo.⁵ Outra característica adotada por Barroso que encontraremos posteriormente é um apelo religioso bastante acentuado.

Mas dentro da visão de Gustavo Barroso, qual seria a posição do integralismo diante do fascismo?

Alguns escrevinhadores imbecis, sem cultura para entender nossa missão e nosso raciocínio, a cada passo nos chamam de imitadores do fascismo ou plagiadores do hitlerismo. Não somos imitadores e plagiadores de um ou outro, como não o é o grande movimento dos camisas azuis que Mosley desencadeia na velha Inglaterra. Somos simplesmente ramos da mesma árvore, filhos da mesma doutrina, resultados da mesma concepção totalitária de universo. (BARROSO, 1933:89)

Ao defender-se das críticas, Barroso, diferente de Salgado, que sempre defendeu a independência diante de outros movimentos fascistas, coloca o integralismo como tendo a mesma base e a mesma concepção de outras expressões do fascismo que surgiam em escala global.

Ou seja, para Barroso o integralismo não passaria de mais uma reação das forças nacionais, igualmente a outros movimentos de orientação fascista, em resposta ao liberalismo e ao comunismo. Em resumo, o *integralismo em marcha*, que o autor apresenta aos leitores,

⁵ É importante ressaltar que Plínio Salgado em nenhuma de suas obras estabelece uma relação entre integralismo e os seus congêneres europeus. Pelo contrário, sempre procura colocar o integralismo como acima de influências externas. Embora em algumas ocasiões coloque o integralismo em um mesmo patamar dos demais fascismos (dentro de uma lógica de frente espiritualista) contra o comunismo e o liberalismo. Contudo, tanto Gustavo Barroso quanto Miguel Reale colocam o integralismo como uma espécie de fascismo, mesmo que ressaltem as diferenças com os movimentos da Europa. Desta forma fica sempre dúbia a posição dos integralistas frente à aceitação ou não da influência do fascismo. Discutiremos com mais ênfase esta questão no capítulo seguinte, através dos periódicos.

era em realidade a marcha de um movimento global de oposição à velha estrutura liberal do ocidente e também à nova “onda bárbara vermelha” do oriente.

A Plínio Salgado e Gustavo Barroso coube a “missão” de divulgar as idéias, assim como estabelecer, neste início da AIB, a identidade política que seria o “ponto” de encontro dos integralistas. Contudo, o estabelecimento teórico da “nova” ideologia que surgia ficou ao encargo do jovem advogado paulista Miguel Reale, que se converterá no principal teórico do movimento.

Miguel Reale: o início da teorização⁶

As duas primeiras obras de Reale, publicadas ainda em 1934, são complementares e, dadas as devidas proporções, seguem um padrão semelhante ao *Capital*, de Karl Marx. Por quê fazemos esta analogia? Devido ao fato de os autores fazerem um estudo, utilizando desde o pensamento político, social, histórico e econômico, para compreender o funcionamento do capitalismo através da luta de classes, dentro de uma lógica de sua superação por um novo modelo que seria o comunismo. Este é um resumo bastante superficial e grosseiro, mas serve ao nosso propósito. Traçamos este paralelo, porque o líder “camisa-verde” faz algo semelhante em *A formação da política burguesa: introdução ao Estado Moderno* e *O Estado Moderno*.

No primeiro, analisa a formação do pensamento e da sociedade burguesa (e capitalista) desde a sua formação até o final do século XIX. Em *O Estado Moderno* reflete sobre o pensamento que se tornou preponderante no século XIX, e o fascismo do princípio do XX. Esta escrita estaria marcada pela visão de sua geração diante do liberalismo que havia se arraigado durante o século XX e que mostraria todas as contradições nos conflitos do princípio do século XX. Acrescido a isto, haveria um grande vazio ideológico, que seria um reflexo do período liberal.

⁶ Miguel Reale não foi o primeiro intelectual do movimento a fazer uma abordagem teórica. Em *Psicologia da Revolução*, de 1933, Plínio Salgado discute o conceito de revolução com o objetivo de aplicá-lo (ou enquadrá-lo) naquilo que denomina “Revolução Integralista”. Mas o texto não busca discutir o que é o integralismo (que aparece apenas na última frase do livro). Este texto foi o único ensaio que Salgado escreveu em busca de uma teorização. Não citamos na parte anterior, pois ele diferia do contexto e achamos melhor citá-lo agora. Também não faremos uma análise do seu conteúdo, pois o autor se atém ao tema de definição conceitual que não nos interessa discutir no presente momento.

Sua visão sobre o Estado burguês ineficiente pode ser resumida na seguinte frase: “As histórias do Estado burguês revelam claramente uma contradição fundamental entre o princípio e a ação, entre a doutrina pregada e os atos efetuados” (REALE, 1934:89). Em outras palavras, o liberalismo seria o regime do engodo, no qual as massas populares sempre estariam enganadas pelos poderosos, que se aproveitariam de um Estado fraco e mínimo para garantir suas riquezas e o seu domínio social.

Diante da fragilidade do Estado, que negaria sua função de controlar a economia, perderia, desta forma, a sua força diante dos grupos econômico-financeiros do mundo. A partir disto, o capitalismo teria assumido o verdadeiro poder em uma escala evolutiva. Inicialmente, teria uma primeira fase ocorrido quando o capitalismo se internacionalizou, desde o triunfo das revoluções burguesas até 1860. A segunda seria a era do imperialismo e do colonialismo. A última seria vivenciada pelo autor no período do pós-guerra, que controlaria todas as economias globais, retirando e esvaziando a noção de nacionalismo. “Neste terceiro período do capitalismo, urge reunir as forças nacionais em defesa verdadeira da Nação. Defender a Nação significa combater violentamente o capitalismo”(REALE, 1934:123). E esta seria a luta das forças nacionalistas. “Perceberam, em suma, que a luta anticapitalista deve se travar nos quadros das Nações, segundo as exigências do capitalismo integral.” Em outras palavras, seria uma luta dos movimentos fascistas em cada país.

Ao fazer uma análise ponderada de todos os pontos arrolados por Miguel Reale sobre o liberalismo, temos a noção de que sua oposição não é em específico ao capitalismo, e sim à fragilidade do Estado liberal. Para ele, o Estado deve ser forte e não mínimo, além de interventor e regente da sociedade (e não apenas coordenador da mesma). Necessitaria promover um capitalismo interno em coerência com os capitalismos internos das demais nações (nacionalistas), que não seriam regidas pelas leis do capital e sim por leis “orgânicas” ditadas pela chefia das nações fortes.

Nota-se que em Miguel Reale a preocupação com o socialismo/comunismo era secundária, pois os mecanismos que teriam levado ao triunfo do liberalismo seriam os mesmos dos “vermelhos”. Assim, no momento em que os fascismos conquistassem o poder sobre os escombros do liberalismo, o comunismo, por consequência, seria derrotado.

Semelhante à construção identitária de Plínio Salgado, Reale constrói o seu texto na mesma lógica. Nas partes que acabamos de analisar, apresenta o liberalismo (e seus defeitos). Nas duas seguintes, discute o fascismo/integralismo. Ou seja, ele vai apresentar aquilo que é o

fascismo, com base naquilo que conceituou como liberalismo, dentro de uma lógica de *identidade política*.

Em última análise, o integralismo seria o coordenador de todos os pontos da sociedade, desde os morais até os religiosos e culturais. Controlaria a economia, tutelaria toda a organização estatal, e também as organizações profissionais, a base social do Estado Integral, hierarquizado em torno do partido único e comandado pelo líder supremo, o “Chefe Nacional”.

Referências

- BARROSO, Gustavo. *O que o integralista deve saber*. Rio de Janeiro: Schimdt, 1933.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSP, 1999.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *O inimigo mortal do sigma: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira*. Rio Grande: Pluscom, 2011.
- REALE, Miguel. *O Estado Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
- _____. *Formação da política burguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
- SALGADO, Plínio. *O que é integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933.
- _____. *Psicologia da Revolução*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª edição, 1935.
- TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1974.